



O Jornalismo no ecossistema desinformativo: hipersexualidade¹ do corpo feminino

PRADO, Ana²
LIMA, Regina³
GOMES, Kelvy⁴

Resumo: Este trabalho objetiva refletir sobre o processo de desinformação no âmbito do ecossistema midiático. A hipótese que guia este trabalho é que o jornalismo dedicado à cobertura da cultura pop, apesar de ter como parâmetro o acontecimento para construção da informação, contribui para gerar desinformação, à medida que desvia o foco central do acontecimento, com vistas a desarticular a realidade do fato. Do conjunto de notícias veiculadas no jornal Folha de S.Paulo e os desdobramentos em outros veículos sobre a cirurgia para tratamento da endometriose realizada pela cantora Anitta, traz-se a análise de uma dessas notícias para demonstrar como a mídia pode gerar desinformação. Neste trabalho interessa o conceito de meta-acontecimento cunhado por Adriano Rodrigues. Como metodologia, utiliza-se a análise de conteúdo,

¹ Este trabalho não se propõe a discutir amplamente as noções teóricas da hipersexualização do corpo feminino, mas sim situar a partir de um caso como o jornalismo se insere no ecossistema desinformativo quando inverte a lógica do acontecimento. Para uma discussão sobre o tema da hipersexualização Cf: COSTA, Ana. HIPERSEXUALIZAÇÃO FRENTE AO EMPODERAMENTO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO EVIDENCIADA. **ANAIS DO CONGRESSO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE**. FURG, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://7SEMINARIO.FURG.BR/IMAGES/ARQUIVO/338.PDF](https://7seminario.furg.br/images/arquivo/338.pdf)

² Jornalista. Docente da Faculdade de Comunicação da UFPA, Doutora em Ciências da Informação. Pesquisadora do Projeto “Índice de Credibilidade Jornalística”, aprovado pelo CNPq, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021 ORCID: [0000-0002-8901-2491](https://orcid.org/0000-0002-8901-2491)

³ Jornalista e Publicitária, Docente da Faculdade de Comunicação da UFPA, Doutora em Comunicação e Cultura. Pesquisadora do Projeto “Índice de Credibilidade Jornalística”, aprovado pelo CNPq, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021. ORCID: [0000-0002-4669-1607](https://orcid.org/0000-0002-4669-1607)

⁴ Historiador, mestrando no Programa de Pós-graduação em História da UFPA. Bolsista Apoio Técnico à Pesquisa, do Projeto “Índice de Credibilidade Jornalística”, aprovado pelo CNPq, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021.

conforme proposto do Bardin (2011). Percebe-se que hipersexualidade prevaleceu diante do quadro da doença da artista.

Palavras-chave: Desinformação; Jornalismo; Meta-acontecimento; Anitta; Hipersexualidade.

1. Introdução

No começo dos anos 2000, Philip Meyer indagava sobre a possibilidade de desaparecimento dos jornais (MEYER, 2004). No livro intitulado “Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação”, o autor indagava como a atividade jornalística poderia sobreviver num cenário de expansão tecnológica. Naquela altura, dentre outras questões, Meyer chamava a atenção para o fato de que “a decadência dos jornais cria problemas não apenas para o setor, mas também para toda a sociedade. Um deles é básico: para a democracia funcionar os cidadãos precisam de informação”, (MEYER, 2004, P.16).

A discussão de Meyer passava também pela necessidade de sobrevivência do jornalismo enquanto negócio - cujo produto precisa disputar a atenção das audiências com outras formas midiáticas - e ao mesmo tempo que deve cumprir com a função social.

De fato, há de certo modo um consenso de que o enfraquecimento do jornalismo de qualidade pode favorecer o surgimento de outras formas de difusão de conteúdos, muitos dos quais falsos, distorcidos e descontextualizados, alimentando um ecossistema de desinformação, potencializado pela velocidade oferecida pelas plataformas digitais. Boa parte desse material está a serviço de interesses políticos difusos e que enfraquecem a democracia (BENNETT e LIVINGSTON, 2018).

Nesse sentido, citamos três casos emblemáticos do quanto essa vulnerabilidade pode ser danosa. A eleição de Donald Trump nos EUA, em 2016; o referendo que assinalou a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, em 2020 (MAZZONE, 2018), bem como a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, (ALBUQUERQUE, 2021). No caso brasileiro, para além da disseminação de conteúdo desinformativo pelas mídias sociais e aplicativos de mensagem, por ocasião da eleição para presidente da República, a estratégia se manteve e se expandiu como *modus operandi* do eleito⁵, fazendo com

⁵ Segundo dados do Brasil de Fato, desde 2019, Jair Bolsonaro proferiu mais de cinco mil declarações falsas. Cf: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/01/bolsonaro-bate-5-mil-mentiras-desde-2019-bolsonaromentiroso-e-bolsonaroday-crescem-nas-redes>.

que a proliferação de “fake news”⁶ durante o auge da pandemia de Covid-19 interferiu nas políticas públicas preventivas e de mitigação da doença (RODRIGUES, PRADO e LOBATO, 2022), (SOUZA JÚNIOR et al, 2020).

Não que o fenômeno da desinformação seja novo, afinal, o uso da mentira, do blefe, da ausência de contexto são usadas como armas para a desqualificação do adversário com fins políticos, ideológico etc. antecede até mesmo a existência do arranjo formal para divulgação de informações, o jornalismo. Entretanto, o sinal de alerta acendeu quando as diversas plataformas digitais acrescentaram rapidez para a difusão de desinformação. Contudo, seria razoável afirmar que o ecossistema desinformativo é composto apenas por elementos à parte do sistema formal que compõem o aparato midiático? O jornalismo enquanto estrutura organizadora da agenda de fatos e de acontecimentos contribui para o circuito desinformativo quando repete estereótipos como, por exemplo, quando se trata de uma figura feminina famosa, cujo trabalho em parte leva à exposição do corpo, pois a música, a dança, o espetáculo em si prescindem de um corpo para se realizar? Este trabalho se propõe a problematizar essa questão a partir de um exemplo, no caso, como a Folha de S.Paulo reportou a questão da cirurgia para tratar a endometriose da cantora brasileira Anitta, no caderno/editoria dedicado à cultura pop, o F5.

Artista popular, com grande número de fãs dentro e fora do país, Anitta mobiliza milhões de seguidores nas mídias sociais e tem se notabilizado ultimamente por pontuar opiniões que passam pelo campo da política, da cultura e da saúde, pode-se afirmar que praticamente tudo que Anitta publica nas redes e/ou declara em entrevistas, shows e *lives* vira notícia; quase sempre publicados em editorias de celebridades e do mundo do espetáculo.

Sobre saúde, Anitta valeu-se da descoberta da própria enfermidade para alertar as mulheres sobre a questão da endometriose e da necessidade de atenção acerca da doença. Concedeu entrevistas a canais de TV, publicou nas próprias mídias sociais e obteve ampla cobertura midiática sobre a cirurgia.

⁶ A expressão “fake news” utilizada pontualmente neste trabalho é apenas para assinalar a forma usada pelo senso comum. O artigo adota a recomendação da Unesco (2019) e trata a questão como desinformação, desordens informativas ou da informação para se referir aos fenômenos de informação falsa.

A hipótese levantada é que o jornalismo pode agir de modo semelhante ao movimento da desinformação, apesar de ter como parâmetro o acontecimento para construção da informação, contribui para gerar no mínimo informação ruim ou de baixa qualidade, à medida que desvia o foco central do acontecimento, com vistas a desarticular a realidade do fato. Para este trabalho interessa o conceito de meta-acontecimento cunhado por Adriano Duarte Rodrigues (2001).

A metodologia usada neste trabalho vale-se da análise de conteúdo, sobre o objeto mais especificamente, a reportagem publicada após a cirurgia da cantora Anitta. Para Bardin, enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. “Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”. (BARDIN, 2004, p. 15).

Este trabalho divide-se em cinco seções. Na primeira seção, procura-se introduzir de forma breve o tema, o objeto de análise, a hipótese e a metodologia escolhida. A segunda seção recupera conceitos como jornalismo acontecimento e desinformação. A terceira seção põe em causa o material e o método, que é seguido pela discussão do resultado. Por fim, as considerações finais com algumas indagações que ainda se apresentam para avanço posterior.

2. Jornalismo, acontecimento e desordens da informação

2.1. Sobre o jornalismo

Pode-se pensar um mundo hoje sem a presença do jornalismo? Pelo menos nas sociedades democráticas ocidentais ainda não se pode afirmar categoricamente que se possa produzir um sistema de pesos e contrapesos nas democracias sem a existência de algum tipo de atividade jornalística. Desde os desastres naturais, a vida das celebridades, a passar pelas discussões em torno das crises, políticas e financeiras que afetam o mundo globalizado, até as consequências das ações do ser humano no meio ambiente – só para citar alguns temas que estão presentes na agenda midiática, não há, pelo menos por enquanto, como se pensar adequadamente na hipótese de avançar em termos de independência, de cidadania e de formação de opinião sem a presença de um jornalismo independente, forte, diversificado ou pelo menos em um sistema que similar

de distribuição de informação que siga as técnicas e os moldes do que em tese estão na premissa do bom jornalismo.

O jornalismo pode ser considerado parte da vida humana, ou pelo menos aquela que é reportada pelos *media*. Para determinados autores, como Tuchman (1978) e Nelson Traquina (2002 e 2004) o jornalismo é a vida, mesmo que contada a partir de um ponto de vista, mas é a vida enquanto enquadramento.

Nesse sentido, Gomis (1997) parte da premissa de que para se explicar teoricamente o que é jornalismo há que se tornar claro o que o é decidido como tal e qual a motivação. Ou seja, uma teoria do jornalismo deve também explicar como e porque um determinado fato, acontecimento, por exemplo, deve ou não se tornar público. Para Gomis, explicar o funcionamento do jornalismo é também uma forma esclarecer a sociedade presente.

Para Nelson Traquina (2002) o jornalismo contemporâneo situa-se num ponto de autonomia relativa de um campo que sofre condicionantes de diversas origens, desde a pressão da empresa passando pelos limites impostos pelas rotinas produtivas.

Entretanto, autores como Claude-Jean Bertrand (2002) referem um certo declínio midiático, fruto, dentre outros aspectos, da descrença pública na mídia. Nessa linha de raciocínio, Bertrand afirma que a notícia está em declínio e há uma substituição do serviço público pelo entretenimento. Para tanto, o autor propõe os Sistemas de Responsabilização de Mídia (MAS). Bertrand explica, “quaisquer meios de melhorar os serviços de mídia ao público, totalmente independentes do governo”. “São um misto de controle de qualidade, serviço ao consumidor, educação contínua e muito mais – não apenas, decerto, autorregulamentação”, completa (BERTRAND, 2002, p. 35).

Na atuação dos MAS está presente de modo muito forte a preocupação com a qualidade do produto jornalístico. Essas entidades visam estabelecer um comparativo entre a expectativa da sociedade em relação ao noticiário produzido com o resultado efetivo do trabalho dos jornais, a fim de estabelecer a lacuna existente entre o que é prometido e o que é entregue ao cidadão. Nesse sentido, a medida da qualidade seria inversamente proporcional ao tamanho da lacuna.

A questão é que com a ampliação das plataformas digitais e as múltiplas formas de difusão de conteúdos, a notícia passa a se submeter a lógicas que fragmentam a notícia, formatadas para garantir curtidas, compartilhamentos e, em certos casos, mimetizando a gramática das mídias sociais, apropriando com mais frequência os *fait-divers*. (PRADO, 2002)

2.2. O acontecimento

Quando se pensa o discurso jornalístico, “o acontecimento constitui o referente de que se fala, o efeito de realidade da cadeia dos signos, uma espécie de ponto zero da significação. Por isso, uma das regras da prática jornalística consiste em afirmar que a opinião é livre, mas que os factos são soberanos” (RODRIGUES, 2001, p. 98). Para o autor, “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma diversidade aleatória de factos virtuais” (RODRIGUES, 2001, p.98).

Pela abordagem do autor, acontecimento será, portanto, tanto mais imponderável quanto menos provável for a sua realização. Em outras palavras, quanto menos previsível, mais probabilidade tem de se tornar notícia e integrar o discurso jornalístico. É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é um fato jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um acontecimento susceptível de se tornar discurso noticioso.

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, de natureza especial, diferenciando-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Todos os fatos regidos por causalidade facilmente determináveis ficam fora do seu alcance, ao passo que o acontecimento jornalístico irrompe sem nexos aparentes nem causas conhecidas e é, por isso, notável, digno de ser registrado discursivamente. Discurso jornalístico é uma anti-história, o relato das marcas de dissolução da identidade das coisas, dos corpos. Não existe sentido racional que os compreenda numa lógica causal definida, encadeamento natural entre um antes e um depois (RODRIGUES, 2001, p.98). Seguem os registros de noticiabilidades assinalados por Adriano Rodrigues.

Registros de noticiabilidades dos fatos

- 1) **Excesso** é o mais corrente, que ocorre pela irrupção por excelência do funcionamento anormal da norma. Exemplo: massacre de uma aldeia pelas tropas militares;
- 2) **Falha**, ao contrário do excesso, procede por defeito, por insuficiência do funcionamento normal. O ator que esquece o texto ou a queda imprevisível dos valores na bolsa, revolta na penitenciária. Os acidentes naturais, das inundações, dos terremotos pertencem a esses registros
- 3) **Inversão** diz respeito a inversão do corpo, por exemplo, fato de o homem morder cão se inscreve nesse registro.

Diante disso, um acontecimento para ser passível de virar notícia precisa atender alguns requisitos de noticiabilidades, ou melhor, valores informacionais. O que significa dizer que a notícia no mundo contemporâneo é o negativo da racionalidade, no sentido fotográfico deste termo. O racional é da ordem do previsível. É regido por regularidade. O acontecimento é imprevisível. Ele irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa. O discurso jornalístico inscreve-se inequivocamente neste processo de enquadramento e de regulação

2.2.1. Meta-acontecimento

Adriano também aborda o que ele denomina de meta-acontecimento, que nos interessa para operacionalizar a análise. Para ele, o meta-acontecimento é uma segunda categoria de acontecimento, que é provocado pela própria existência do discurso jornalístico. Os meta-acontecimentos só aparentemente coincidem com os registros dos acontecimentos referenciais.

Para o autor, o excesso, a falha e a inversão são apenas registros-pretexos em relação aos meta-acontecimentos. São inscritos na ordem dos discursos, na ordem da visibilidade simbólica da representação cênica. São, portanto, fatos discursivos. Eles não são regidos pelas regras do mundo natural dos acidentes da natureza que atingem os corpos físicos cósmicos. É regido pelas regras do mundo simbólico, pelas regras da enunciação (RODRIGUES, 2001, p.101).

2.3. Desordens da informação

A noção de desinformação pode ser compreendida como informações falsas divulgadas de modo intencional usando formatos e linguagem da notícia (BENNETT e LIVINGSTON, 2018, p.124). O termo comumente usado para designar esse fenômeno, “fake News”, na verdade é uma contradição, já que em essência notícia é uma janela para o mundo, como disse Gaye Tchuman (1978), e como tal, apresenta uma dada realidade, ou um recorte da realidade, daí que a expressão é em si representar a negação da premissa do que se constitui notícia, que parte também da premissa daquilo que pode ser comprovado a partir dos fatos.

Ainda nessa linha, Van Dijk (1990) afirma que no escopo do que se compreende como notícia:

1. Novas informações sobre eventos, objetos ou pessoas.
2. Um programa típico (televisão ou rádio) em que são apresentados itens jornalísticos.
3. Um item ou reportagem jornalística, como um texto ou discurso no rádio, na televisão ou no jornal, no qual é oferecida nova informação sobre eventos recentes.⁷ (VAN DIJK, 1990, p.18)

A preocupação com a mistura equivocada entre desinformação e informação incorreta, a problemática das “*Fake news*” “é hoje muito mais do que um rótulo para informações falsas e enganosas, disfarçadas e divulgadas como notícias. Tornou-se um termo emocional, armado para debilitar e depreciar o jornalismo.” (IRETON e POSETTI, 2019, p.14). Assim, na tarefa de produzir diferenciações entre o que fato ou o que é falso, é fundamental que o próprio jornalismo engendre formas de aperfeiçoar a qualidade e o profissionalismo inerentes à prática.

Contudo, a questão que se coloca sobre o que abrange o ecossistema⁸ desinformativo não são só os diversos elementos alheios à prática jornalística que interagem dentro do ambiente da informação e que provocam ruídos, porém, são a naturalidade com que se

1. Nueva información sobre sucesos, objetos o personas. 2. Un programa tipo (de televisión o de radio) en el cual se presentan ítems periodísticos. 3. Un ítem o informe periodístico, como por ejemplo um texto o discurso en la radio, en la televisión o en el diario, en el cual se ofrece una nueva información sobre sucesos recientes

⁸ Pega-se emprestado o conceito de ecossistema, primariamente usando pelas ciências biológicas, que em linhas gerais o define como um ambiente de relação entre seres vivos e com o ambiente Cf: Dicionário Michaelis On-line. <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ecossistema>

crystalizam estereótipos e a partir de certas ideologias, funcionando como narrativas disruptivas no contexto do jornalismo.

No contexto brasileiro, isso torna-se ainda mais preocupando quando se olha para os dados recém publicado *Digital News Report* de 2022⁹, produzido pelo Instituto Reuters. De acordo com relatório, há uma queda crescente na credibilidade do público em relação ao jornalismo no país, ainda num cenário de alta concentração de propriedade dos meios de comunicação, sendo o Brasil o maior mercado no setor da América do Sul. Outro dado relevante apresentado pelo *Digital News Report* é o fato de que 64% dos brasileiros e brasileiras afirmam se informar pelas mídias sociais. Essa informação merece destaque, já que de acordo com esse mesmo relatório, a internet penetra em 75% da população de mais de 214 milhões de pessoas.

3. Material e método

Como mencionado anteriormente, neste artigo, aplicou-se a análise de conteúdo como metodologia. Esse método permite que se possa categorizar os elementos que conformam o objeto de estudo. Laurence Bardin afirma que ao se criar a categorização é possível definir critérios semânticos, léxicos, sintáticos e expressivos, dentre outros. (BARDIN, 2011, pp.111-112).

Adotou-se categorias de análise a partir de uma perspectiva das expressões a respeito da cirurgia de endometriose da cantora Anitta, para assim compor um quadro ilustrativo de títulos e lead (Tabela 1), que também traz matérias derivadas da publicada pela Folha de S.Paulo sobre a cirurgia da artista, nas categorias de valores: sexualidade e endometriose/cirurgia.

. Para chegar a esses achados, realizou-se uma busca no site da Folha combinando as palavras-chave “Anitta” e “endometriose”. Foram encontradas 24 ocorrências, entre 08/07/22 a 03/08/22/. Dessas, apenas cinco não estavam publicadas na editoria F5 do jornal, denominada pelo própria Folha como “Entretenimento e cultura pop”.

Tabela 1 – Categorias de análise de valores expressivas

⁹ O relatório produzido pela agência Reuters e encontra-se disponível em linha e consta nas referências

Categoria de valores	Veículo/Data/Forma da Publicação	Título da matéria	Lead
Sexualidade	Folha de S.Paulo, editoria F5. 11/07/2022	Anitta usa vestido transparente e relógio de R\$ 250 mil na Itália	O final de semana da cantora Anitta, 29, foi animado e cheio de luxo. A artista viajou para a Itália e mostrou aos seus seguidores um passeio de barco no país, looks e ainda sua presença no desfile da grife Dolce e Gabbana. Ela iniciou a sequência de Stories mostrando seu passeio em um iate, enquanto divulgava sua nova música "No Más", uma parceria entre Quavo, J Balvin e Pharrell Williams. No vídeo, ela aparece usando um relógio da marca sueca Bulgari, que vale cerca de R\$ 252 mil.
	Folha S.Paulo, editoria F5. 25/07/2022. Digital	Anitta em jejum sexual : recuperação exige repouso absoluto	Anitta, 29, recebeu alta hospitalar nesta segunda-feira (25), depois de ter passado por uma cirurgia de endometriose. Agora a cantora irá se recuperar em casa e só estará liberada para voltar aos palcos lá para o final de agosto. Por recomendações médicas, agora é hora de repouso absoluto.
	Flash.Pt. (Portugal) 26/07/2022. Digital	Anitta proibida de ter relações por duas semanas	Anitta teve alta hospitalar esta segunda-feira, 29, depois de uma semana internada por causa da cirurgia da endometriose, mas agora continua o

	Correio do Amanhã, (Portugal), editoria “Famosos”. 27/07/2022 Digital	Anitta proibida de ter sexo durante duas semanas	período de recuperação com muitos cuidados. De acordo com a 'Folha de São Paulo', a cantora de 29 anos está em repouso absoluto, proibida de fazer qualquer esforço, incluindo sexo durante pelo menos duas semanas Cantora teve alta médica e vai continuar processo de recuperação da cirurgia para curar endometriose em casa
Endometriose/Cirurgia	Folha de S.Paulo Editoria F5. 08/07/2020. Digital Folha de S.Paulo, editoria Ilustrada, 19/07/22 Digital	Anitta revela ter endometriose e marca cirurgia; entenda tudo sobre a doença Anitta é internada para cirurgia de endometriose após turnê internacional	A cantora Anitta, 29, revelou pelas redes sociais sofrer de endometriose, uma doença crônica que afeta algumas mulheres em idade reprodutiva. Fortes cólicas menstruais, dor pélvica, incômodo na relação sexual , alterações intestinais ou ao evacuar, dor na região lombar e coxas e dificuldade para engravidar são alguns dos principais sintomas. Anitta está internada em São Paulo, depois de retornar ao Brasil após uma turnê que passou por vários países do mundo. Nesta terça-feira, a própria cantora compartilhou no Instagram algumas imagens no quarto de hospital, onde vai passar por uma cirurgia

			para tratar da endometriose, uma doença crônica que afeta mulheres em idade reprodutiva
--	--	--	---

4. Resultado e discussão

O objetivo desse trabalho, retomando, é refletir sobre o processo de desinformação no âmbito do ecossistema midiático. A proposta é fazer uma análise de conteúdo de uma notícia veiculadas no jornal Folha de S.Paulo sobre a cirurgia para tratamento da endometriose realizada pela cantora Anitta.

Para isso, apropria-se do conceito de meta-acontecimento cunhado por Adriano Rodrigues para explicar como a mídia, em especial o jornalismo de cultura pop, mesmo tendo como parâmetro o acontecimento (ou referente), gera desinformação, à medida em que desvia o foco central do acontecimento, com vistas a desarticular a realidade do fato e reforçar o processo de objetificação e hipersexualização do corpo feminino, em detrimento do processo informativo.

A imagem que a sociedade tem da mulher e que é referenciada com frequência pela mídia é um legado de uma cultura patriarcal que conferiu maior valor às particularidades masculinas e dilatou o estabelecimento de referências comportamentais surreais femininas. Até hoje, é possível verificar que a figura feminina está vinculada à ideia de uma vulnerabilidade maior que a coloca em uma situação de total dependência da figura masculina, seja do pai, do irmão, ou do marido, dando origem aos moldes de uma cultura patriarcalista e machista. É uma cultura, portanto, que desvaloriza e reduz a existência do ser feminino.

O modelo reportado pela mídia é invariavelmente o da mulher frágil e que dependente da figura masculina. Ou seja, procura reproduzir e reforçar os estereótipos característicos da sociedade vigente. Qualquer coisa que destoe desses estereótipos é rejeitada e ignorada. Talvez isso explique a predileção da mídia em associar, ou melhor, ressaltar sempre a questão da sexualidade quando o assunto é a cantora.

As notícias aqui analisadas têm como ponto de partida as postagens feitas pela cantora nas redes sociais, que surpreenderam os internautas ao relevar o diagnóstico de

endometriose e a decisão de se submeter a cirurgia para tratamento da enfermidade. Na ocasião, a cantora fez uma série de publicações em sua conta do Twitter para explicar em detalhes toda a situação envolvendo a sua saúde. No post, com o título *Procure Ajuda*, a cantora afirma que não é muito normal mulheres conviverem com esse desconforto. “Tem vários efeitos colaterais, em cada corpo de um jeito. Podem se estender até a bexiga e causar dores terríveis ao urinar. Existem vários tratamentos. O meu terá que ser cirurgia”. Ao fazer os Posts, a cantora os fez com a intenção de esclarecer sobre a doença e alertar as mulheres para os possíveis danos: “aqui fica meu apelo por mais informações para mulheres. Mais acesso, mais interesse geral em cuidar do corpo feminino”, disse a cantora.

Após as publicações, vários veículos de comunicação noticiaram o fato. Para este trabalho, interessa algumas notícias veiculadas pela Folha de S.Paulo, especialmente a que foi publicada no dia 25 de julho de 2022, com seguinte título “Anita em jejum sexual: recuperação exige repouso absoluto”. Observa-se que o veículo, ao invés de reforçar o alerta e esclarecimento sobre a importância de as mulheres tomarem conhecimento sobre o assunto, preferiu trazer para primeiro plano a questão sexual da cantora. A cirurgia de endometriose que seria o primeiro plano da notícia ficou em plano secundário, quando o título da notícia sugere em primeiro plano a ausência do sexo. Ou seja, a narrativa da notícia, capitaneada pelo título, sobressai ao acontecimento. As palavras “jejum sexual”, soa num primeiro momento como algo prioritário, em detrimento do alerta que a cantora quis fazer para as mulheres.

Vale ressaltar que os títulos de imprensa representam manifestações constantes do trabalho plástico da linguagem e tendem a eliminar categorias discursivas, como os pronomes, os artigos, os verbos que são suscetíveis de marcar a veracidade ou a falsidade dos enunciados. A supressão do pronome e do artigo converte os nomes em representantes por excelência do mundo designado, ofuscando pela sua transparência reificada qualquer outra realidade concorrente virtual (ADRIANO, 2002, pp.108 e 109). É fato. No título “Anita em jejum sexual: recuperação exige repouso absoluto”, observa-se a ausência de artigo e de pronome. No entanto, o nome da cantora aparece em destaque. O que, aliás, é um indicativo importante, porque os nomes ocupam lugares privilegiados e até exclusivos nos títulos. Basta um olhar rápido pelos títulos das

matérias publicadas diariamente nos veículos de comunicação, para perceber que é muito raro encontrar um título que não comporte nomes próprios de pessoas. Não à toa os títulos serem considerados o grande dispositivo de nomeação. Eles funcionam como uma espécie de vitrine da informação. Ainda que o que esteja no interior do texto não condiz com os títulos. Afinal, a vitrine (título) serve para atrair o leitor para notícia.

“Por isso, o estudo dos títulos da imprensa reveste-se de particular importância para a compreensão dos mecanismos discursivos que intervêm na elaboração de um sentido único que se autolegitima pela sua própria enunciação, sem necessidade, por conseguinte, de qualquer outro processo de justificação, fazendo assim a economia de processos argumentativos susceptíveis de, porem em causa ou, pelo menos, de explicitarem os pressupostos implícitos da sua legitimidade” (RODRIGUES, 2002, p. 09)

Ademais, o título reforça cada vez mais a única e exclusiva visão misógina da mídia para com as mulheres. A hipersexualização do corpo feminino fortalece um tipo de institucionalização do corpo feminino em detrimento da satisfação masculina. Além de banalizar a imagem da cantora, a notícia traz consigo consequências funestas, à medida que desconsidera o que a cantora sente e pensa. É como se os corpos femininos fossem públicos e não pertencessem a elas.

Ao trazer para primeiro plano a questão sexual, a mídia desvia atenção para a questão que a cantora queria ressaltar que era o esclarecimento sobre a doença e o alerta que queria fazer às mulheres. A necessidade de hipersexualizar o corpo feminino desvirtua os conceitos importantes de emancipação feminina, criando, em verdade, uma imagem negativa com propósito de esvaziar a mensagem da cantora.

Aqui, tem-se um clássico exemplo de meta-acontecimento, porque o discurso só coincide aparentemente com os registros dos acontecimentos referencias. A abordagem da discursiva é regida pelas regras da enunciação do veículo.

A bem da verdade, o meta-acontecimento é a face desumana da informação. A sua lógica não é, por conseguinte, explosiva, como nos acontecimentos referenciais, mas implosiva.

o meta-acontecimentos são acidentes que irrompem no seio da ordem regular do funcionamento das causas, das pessoas e das instituições; não são emergências da ordem do exterior que, de fora, vem alterar a regularidade da experiência normal e conforme. Os próprios

acontecimentos referenciais estão doravante votados a um devir discursivo, espetacular. (RODRIGUES, 2002, p.103).

Não é a morte nem a violência real que os meta-acontecimentos visam, mas o direito à visibilidade, à encenação, de quantos não consideram respeitados os direitos à palavra dentro da ordem mediática generalizada. Eles são, por assim dizer, atualizações de enunciados pertencentes a vários regimes discursivos que se encadeiam entre seguindo regras de encadeamento próprias.

Essa forma de funcionamento vai na contramão da ideia usual de que os discursos é uma mera representação das coisas e de que, como tal, é passível de ser a apreciado apenas em termos de adequação ou de não adequação às coisas referenciadas. Esta concepção referencial do discurso é uma espécie de filosofia espontânea positivista e maniqueísta da linguagem que consiste na pretensão de que é possível eliminar completamente do horizonte do discurso as dimensões não conotativas e prescritivas.

5. Considerações finais

Este trabalho se propôs a problematizar a desinformação no ecossistema midiático, a partir da discussão sobre como foi noticiada pela Folha de S.Paulo a cirurgia da cantora Anitta para tratar a endometriose.

A questão que se coloca é que quando o jornalismo perde a perspectiva da qualidade informativa, pautada no profissionalismo e no interesse público, ele se soma aos demais elementos que conformam esse ecossistema. Não se trata apenas da lógica da busca pela audiência e a disputa feroz com as mídias sociais. Uma das características da desinformação é que a distância do acontecimento em si, sobreposto pelo meta-acontecimento, acaba por servir a uma perspectiva ideológica – no caso, a hipersexualização do corpo da Anitta, mesmo quando enfermo, apesar da artista ter usado a doença como forma de contribuição para o debate público acerca da endometriose.

Essa conformação do jornalismo com uma fisionomia distorcida do acontecimento em si também foi reverberado em veículos no exterior (Tabela 1), o que mostra que a Folha de S.Paulo pautou a cirurgia da cantora e a recuperação necessária no aspecto da abstinência sexual da artista. É como se Anitta performance apenas uma identidade, a da mulher sexy, sensual e que até doente o aspecto que se destaca é pelo tempo que ficará sem sexo.

O que revela a face ideológica dessa publicação em si da Folha é contributo perigoso quando se olha o Digital News Report 2022 aponta, após 10 anos investigando o comportamento das mídias nos países, o declínio do alcance dos meios tradicionais. O aumento de consumo de informação por meios digitais não resolve a questão mais emergente, pois nesse ambiente digital há abundância de ruído, de fontes e ausência de mecanismos seletivos a informação de qualidade que não só devolva ao jornalismo esse lugar de instituição credível na amplitude de ofertas de informação, mas também se reorganize para não ser engolido pelo ecossistema desinformativo, seja no espaço que cede ao se distanciar do acontecimento em si, seja quando silencia diante do preconceito, estereótipo, do fascismo.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso. As fake news e o Ministério da Verdade Corporativa. In. **Revista Eptic**, Vol.23, jan-abr 2021. Pp.126-140.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENNETT, Lance, e LIVINGSTON, Steve. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. In **European Journal of Communication**. V.32 (2). Londres: Sage. 2018. Pp 122-129.
- BERTRAND, Jean_Claude. O arsenal da democracia. O sistema de responsabilização da mídia. Caxias do Sul: Edusc. 2002.
- FERREIRA, Naiara. As fake news sobre o “kit-gay” no Facebook. **Grupo de Pesquisa em Política e Opinião Pública**. Curitiba: UFPR. Disponível em: <https://cpop.ufpr.br/as-fake-news-sobre-kit-gay-no-facebook/>, acesso em 03/08/2022.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**. Cómo se forma el presente. Madrid: Paidós. 1997.
- IRETON, Cheryl e POSETTI, Julie. Introdução. **Jornalismo, Fake News & Desinformação**. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Unesco. 2019.
- KIOUSIS, Spiro. Public **Trust or Mistrust?** Perceptions of media credibility in the information age, mass communication and society, 4:4, 381-403. 2001.
- LIMA, Regina. **Vozes em cena**. Análise das estratégias discursivas da mídia sobre os escândalos políticos. Belém: Fadesp. 2010.
- MAZZONE, Daniel. **Máquinas de mentir**: “notícias falsas” y “posverdade”. Buenos Aires: La Crujía, 2018.
- MEYER, Philip, **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto. 2004.
- PRADO, Ana Lúcia. Uma notícia a cada 90 segundos. In: **Revista Pauta Geral**. V2. Salvador: Calandra. 2002.
- RODRIGUES, Adriano D. **Estratégias da Comunicação**: Questão comunicacional e forma de sociabilidade. 3ª. Ed. Lisboa: Presença. 2001.
- RODRIGUES, Lucas, PRADO, Ana Lúcia, LOBATO, Fábio. **Pandemia de Covid-19 no Brasil**:

uma análise sobre notícias e comentários de usuários. In: **Revista Cultura Midiáticas**. V16. UFPB. 2022. pp01-16 DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.61265>.

SOUZA JÚNIOR, ET AL. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. IN: **Cadernos de Prospecção**. V.13. n.2. DOI: <https://doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>.

REUTERS. **Digital News Report 2022**. Oxford. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/digital-news-report/2022>. Consultado em 03/08/2022

TRAQUINA, N. (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2ª. Ed. Lisboa” Vega, 1999.

_____. **O que é Jornalismo**. 1ª. Ed. Lisboa: Quimera, 2002.

_____. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Vol1. Florianópolis, Insular. 2004.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**. New York: Mcmillan. 1978.

VAN DIJK. Teun. **La noticia como discurso**. Comprensión, estructura y producción de la información. Madrid: Paidós. 1990.

LINKS:

Brasil de Fato: encurtador.com.br/orJZ0

Correio da Manhã: encurtador.com.br/chqDI

Folha de S.Paulo: encurtador.com.br/uNW46

Flash: encurtador.com.br/dJT12